

## RESENHA

**HALES, S. *The Roman house and social identity*. Cambridge, Cambridge University Press, 2003. 294p. ISBN 0521814332.**

Shelley Hales, professora do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Bristol, publica, pela prestigiosa Cambridge University Press, sua tese de doutoramento, sob orientação de Jas Elsner, tendo contado, ainda, com o aporte dos membros da banca examinadora, Roger Ling e Greg Woolf, todos grandes esportes dos estudos sobre o mundo romano. Hales trata de um tema que tem sido muito discutido nos últimos anos: a construção de identidades sociais. Para isso, utiliza-se tanto da literatura antiga, como de uma pletera de estudos da teoria social, com o uso de autores como Pierre Bourdieu e Eric Hobsbawm. Logo ao início, estabelece a importância de se tratar como categorias autônomas a tradição literária e as evidências arqueológicas. Ainda na introdução afasta-se do que chama de modelos simplísticos e inflexíveis, ao propugnar que o estudo dos artefatos nas casas indica que os aposentos da *domus* eram multi-funcionais. Limita-se a tratar das moradas da elite, mas conclama ao estudo dos estratos populares, ao rejeitar as interpretações que os consideram como imitadores das classes altas, em particular Wallace-Hadrill e Zanker.

Por razões de caráter metodológico, separa as fontes, dedica a primeira parte do livro ao estudo da literatura antiga (p. 11-993), a segunda a Pompéia (p. 97-163) e a terceira à periferia do império (p. 167-247). Explora, de início, a casa ideal, a *domus* que devia informar a identidade da família que nela morava. Mostra como Vitruvius legitimava a ordem vigente, ao criar a *domus* ideal que aspirava a superar os conflitos entre *luxuria* e *austeritas*. A insistência dos autores da época de Augusto em atacar o luxo é interpretada como uma retórica para restringir a competição no interior da elite. Cícero mostra como a morada servia tanto para que a família construísse seu lugar em Roma como para o populacho pudesse experimentar a família da elite por dentro. A casa era o *locus memoriae*, a tal ponto que a *damnatio memoriae* implicava a destruição do perseguido. Com Augusto inicia-se nova fase, em que os palácios imperiais servirão como modelo da casa da elite.

Pompéia demonstra a diversidade de identidades em ação, com os contrastes entre pompeianos, veteranos, libertos e imigrantes. A ausência de jardins — algo que se repetirá, diremos nós, nas casas portuguesas na América — permitia um acesso mais imediato da casa, o que demonstra uma separação entre público e privado diverso da concepção burguesa moderna. Os grafites

mostram como as paredes eram consideradas públicas. As estreitas *fauces* direcionam o olhar do visitante para uma abordagem muito restrita do espaço da casa, que torna o *paterfamilias* física e socialmente remoto. Trata-se, pois, não de um *Realraum*, mas de um *Bildraum*, uma percepção. O visitante olha para a casa, o morador encontra-se em uma fortaleza sagrada. Utiliza-se da moderna teoria antropológica para entender como escravos viviam, por todo o tempo, na privacidade dos patrões, os aposentos eram multiuso. As moradas pompeianas mostram como pouco do que pregava Vitruvius era seguido e como os quatro estilos da pintura pompeiana, inventado por Mau no fim do século XIX, procurava em Vitruvius um guia para realidade muito mais complexa. Pondera que os estudos recentes defendem que as casas misturavam os estilos. Os jardins internos mostram o interesse das elites em controlar a natureza, assim como as cenas de caçadas.

As moradas das províncias ocidentais são contrastadas às do oriente de língua grega. Roma que chegava à periferia do império, no Ocidente, já era uma mistura de centros e periferias, de modo que as elites locais tomavam contato com um romanidade multicultural. As sintaxes locais, ainda que conhecidas muito menos completamente do que no caso pompeiano, mostram-se variadas, quebrando a idéia tradicional de uma identidade romana. O *oikos* apresenta-se, também, muito mais variado do que se supõe, ainda que algumas características sejam panromanas, como a convivência de escravos e senhores na intimidade. O império aparece, portanto, como multi-facetado, que se mantém mais pela competição e negociação, do que pela uniformidade. O império nunca foi lugar de pureza, ao contrário, seu êxito dependia de encontrar lugar para todos, na medida em que se expandia. Não havia uma morada romana arquetípica, em um sistema que englobava todas as raças e estatutos sociais.

O volume de Hales representa uma contribuição importante, não apenas para o conhecimento da morada romana, como do mundo romano em geral. Ao beneficiar-se das teorias sociais recentes, com sua ênfase nas identidades múltiplas, fornece ao leitor um quadro complexo e que valoriza, ademais, os conflitos e contrastes no interior da sociedade. Em termos metodológicos, fica evidente a importância de não submeter as evidências arqueológicas e iconográficas às interpretações normativas dos autores antigos, muitas vezes preocupados em estabelecer regras distantes das práticas sociais efetivas. Leitura que interessará, assim, a um amplo espectro de estudiosos do mundo antigo.

PEDRO PAULO ABREU FUNARI  
Universidade Estadual de Campinas<sup>1</sup>  
Brasil

<sup>1</sup> Departamento de História e Núcleo de Estudos Estratégicos.